

# O impacto da crise dos alimentos

## ARTIGO

WALTER BELIK

Tentar encontrar um culpado pela alta do preço dos alimentos é uma tarefa complicada. A única certeza é a de que há poucas perspectivas de estabilização no curto prazo. Estamos acompanhando pela imprensa algumas políticas adotadas pelos países para combater essa alta: subsídios ao consumidor, tabelamento de preços, proibição das exportações de determinados produtos, como a Argentina fez recentemente com o trigo, ou redução da carga fiscal, como vem fazendo o Brasil. No nosso caso, a redução dos impostos como forma de contenção de preços é necessária, mas tem um caráter paliativo. Novas altas poderão vir e será cada vez mais difícil manter os preços estabilizados com essa política.

Na primeira semana de junho, a ONU deverá patrocinar uma conferência internacional de alto nível, a ser realizada em Roma, com o objetivo de discutir esse problema que está afetando o mundo todo, mas que tem impactos mais graves sobre os países em desenvolvimento.

O trigo e o milho foram os primeiros a fazer acender a luz vermelha no painel do abastecimento mundial de alimentos. Já em 2007, os preços internacionais desses dois cereais praticamente dobraram desencadeando protestos de consumidores e industriais. As causas para a alta foram, em primeiro lugar, coincidentes quebras de safra nos Estados Unidos, Canadá e principalmente na Austrália. Em segundo lugar, e mais importante, um baixo nível dos estoques mundiais desses alimentos. Para exemplificar, os estoques mundiais de trigo estavam em nível 17% inferior à média dos cinco anos anteriores. No caso do milho, a situação já havia se agravado em função do anúncio por parte do presidente Bush do seu ambicioso plano de produção de biocombus-



Walter Belik é professor do Instituto de Economia da Unicamp (IE)

tíveis, tendo como base o milho.

O objetivo do plano seria o de substituir em 20% o consumo de gasolina por etanol derivado do milho em 10 anos. Para tanto, a oferta de milho para energia deveria aumentar de aproximadamente 30 milhões de toneladas em 2006 para 110 milhões de toneladas em 2016. Planos semelhantes também foram lançados no Canadá e, principalmente, na Europa, que pretende substituir 10% do consumo de energia para transportes por biocombustíveis até 2020. Nessa conjuntura, os estoques mundiais de milho baixaram 15% em comparação à média 2002-06. Segundo um estudo recente publicado pelo Banco Mundial, 65% da alta no preço dos alimentos se deve à demanda de matérias-primas para a produção de biocombustíveis, e nesse caso o milho é o principal protagonista.

Já a disparada do preço do arroz tem uma dinâmica um pouco diferente. Os aumentos são recentes e não estão diretamente ligados a nenhuma quebra significativa, mas sim às medidas de restrição às exportações impostas por respeitáveis produtores asiáticos, como a Índia. A crescente dependência chinesa e indonésiana são causas diretas dos baixos estoques mundiais desse grão. No comparativo com os cinco anos anteriores, o ano de 2007 fechou com um nível de estoques 18% inferior. Esse patamar é 50% inferior ao que se observava ao final da década de 90. O resultado se faz sentir nas cotações internacionais. Com o aumento da demanda as cotações subiram aproximadamente 150% entre janeiro e abril desse ano. De modo geral, segundo a FAO – Organização para a Agricultura e Alimen-

tação da ONU –, os estoques de grãos deverão fechar o ano de 2008 com um nível 5% inferior ao do ano passado, que por sua vez foi o menor nível dos últimos 25 anos.

Sabemos que há uma correlação de preços entre algumas commodities, e isso parece se confirmar quando se acompanha a alta do petróleo, ferro, cobre e outros bens não alimentares. O que mudou no período recente é que essa alta nos preços dos alimentos está sendo turbinada pela mistura combinada de outras elevações e da enorme liquidez existente no mercado financeiro.

De fato, a crise do mercado imobiliário norte-americano, a recessão e as subseqüentes quedas nas taxas de juros levaram o investidor a se abrigar em outros tipos de ativos em busca de proteção. Nesse sentido, foi significativa a alta do preço das commodities na semana seguinte à quebra do banco Bear Sterns nos Estados Unidos.

Para o agricultor, a parte ruim da história é que nem todos os preços de produtos agrícolas têm subido no ritmo e proporção do arroz, milho, trigo e também da soja. Pior, o preço dos insumos agrícolas disparou para níveis estratosféricos. O fosfato, matéria-prima básica para a produção de fertilizantes, subiu 149,7% no mercado internacional no comparativo do primeiro trimestre de 2008 com o mesmo período do ano anterior. Essa alta superou em muito o petróleo, que teve um aumento de “apenas” 64,3% no mesmo período. Aumentaram também o preço das sementes, tratores e máquinas e até mesmo da mão-de-obra.

A verdade é que os chineses sempre levam a culpa de tudo. Não é de se admirar, pois esse país é o grande pólo de atração das matérias-primas. No ano passado, a China foi responsável por 85,2% do aumento da demanda de alumínio, 68,8% do aço e 30,0% do petróleo. No entanto, nesse caso, mais que a demanda chinesa, há um problema estrutural da agri-

cultura mundial para conseguir grandes saltos na oferta de alimentos. A velha revolução verde praticamente já esgotou o seu arsenal de tecnologias e um novo padrão produtivo está longe de garantir a sua gestação. Necessariamente, um novo salto na produção terá que vir acompanhado de aumentos de área cultivada e isso leva um certo tempo até acontecer.

Por esse motivo, a OCDE e o Banco Mundial prevêem um período de redução nos estoques mundiais de alimentos em relação aos níveis do início da década. Essa redução deverá perdurar, no mínimo, até 2017 dependendo do produto. Até lá os preços se manterão elevados, encerrando um período de mais de 20 anos de comida barata.

No Brasil tivemos um rápido aquecimento no consumo no último ano. Segundo o IBGE as vendas de alimentos e bebidas em supermercados aumentaram em termos de volume 6,9% no acumulado dos 12 últimos meses até março. Só no primeiro trimestre desse ano tivemos um crescimento de 8,9%. Embora a produção agrícola esteja crescendo, o ritmo da demanda doméstica é muito superior à oferta. Ademais, os estoques públicos de produtos agrícolas estão em níveis bastante baixos. Os estoques públicos de trigo, por exemplo, representam atualmente apenas 1,9% da demanda esperada.

Produtos como o feijão, arroz e o trigo tiveram altas expressivas nas últimas semanas, sendo que os dois últimos sofreram influência do aumento de demanda preventiva por parte da indústria e redução nas importações. A produção de feijão se manteve praticamente estacionada nas duas últimas safras e a perspectiva para 2008 é de um aumento residual. Portanto, não há uma solução à vista para o curto prazo. É hora do governo mostrar habilidade para que a alta nos preços dos alimentos não contamine os preços da economia em geral.

## Cupinzeiro resgata clima de roda de samba em CD

MANUEL ALVES FILHO

manuel@reitoria.unicamp.br

Depois de sete anos de dedicação ao samba, o que inclui pesquisa, criação e divulgação do gênero musical, o Núcleo de Samba Cupinzeiro está lançando o seu primeiro CD. O álbum, totalmente autoral e produzido de forma independente, é representativo do trabalho que vem sendo desenvolvido pelos integrantes do grupo, cujas referências estão nas obras de sambistas de tradição, sejam eles conhecidos ou não do grande público. “Nós queríamos trazer para o disco o clima da roda de samba, uma das atividades que realizamos rotineiramente. Penso que atingimos o objetivo”, afirma Anabela Leandro, cantora, percussionista e uma das fundadoras do Cupinzeiro.

O lançamento do CD, batizado com o mesmo nome do núcleo, está sendo feito por meio de uma série de espetáculos. Desde março, o grupo já se apresentou no Sesc, nas livrarias Fnac e Cultura e em alguns bares de Campinas. Anabela conta que o show, intitulado *O Samba Chama*, traz canções do álbum e de outros compositores. “Tem sido uma experiência bacana. O disco vem recebendo críticas positivas. Penso que isso é o resultado do cuidado que tivemos com as letras, as melodias e os arranjos. Trata-se de um trabalho bem diferente do padrão do pagode no qual a indústria fonográfica vem apostando”, diz Anabela.

Segundo ela, o CD apresenta um pouco do que o grupo pesquisou ao longo dos últimos sete anos. Esse trabalho, detalha a cantora, inclui desde investigações aca-



Anabela Leandro, cantora, percussionista e uma das fundadoras do Cupinzeiro: pesquisa e divulgação do samba

dêmicas e fonográficas até a realização, a cada 15 dias, de rodas de samba. É nessas ocasiões, acrescenta, que os integrantes do núcleo se reúnem para trocar experiências e fazer experimentações. “Durante todo esse processo, nós também produzíamos canções próprias. Quando percebemos que havíamos reunido um

repertório de qualidade, resolvemos registrar isso em disco. O álbum contempla vários estilos, como o samba canção, o samba de terreiro e o lamento do samba”, elenca.

Para produzir o CD de forma independente, o Cupinzeiro enfrentou alguns percalços, entre eles a falta de recursos.

O dinheiro necessário ao projeto foi amealhado da seguinte forma: os integrantes do grupo tiveram que abrir mão dos cachês dos shows por um bom período. Felizmente, todos mantêm atividades profissionais paralelas. “Nós queríamos fazer um disco com qualidade, e qualidade custa dinheiro. Entretanto, graças ao esforço de todos conseguimos produzir o álbum sem gerar dívidas”, comemora Anabela. Também integram o núcleo os seguintes músicos: Edu de Maria (violão, cavaquinho e voz), Eduardo Fiorussi (violão de sete cordas), Lucas Arantes (cavaquinho), Roberto Amaral (pandeiro), Lucas da Rosa (percussão geral), Eduardo Guimarães (sanfona) e Márcio Modesto (flauta). O CD do Cupinzeiro pode ser adquirido nas lojas do ramo e na Banca de CDs do Instituto de Artes (IA) da Unicamp.

O Núcleo de Samba Cupinzeiro nasceu em 2001, no distrito de Barão Geraldo, Campinas. Embora mantenha vínculos com a Unicamp, mais especificamente com o Centro de Memória, o grupo teve origem fora da Universidade. “Começamos de forma despretensiosa, no quintal da minha casa, promovendo rodas de samba. Na época, participavam músicos, estudantes da Unicamp e pessoas que gostavam de samba. Quando percebemos, a coisa tinha tomado corpo e o local estava lotado”, recorda Anabela. Dois anos depois, foi firmado convênio com o Centro de Memória, para troca de informações. Atualmente, conforme a cantora, o público do Cupinzeiro é muito variado. “As rodas de samba, por exemplo, retinam desde crianças até idosos. Penso que esse é o público do samba. Nos só contribuímos para a criação de um espaço de convivência dessa diversidade”, afirma.